

PARA ONDE VÃO OS PATOS? A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE HOLDEN CAULFIELD EM O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO

Andressa Carbonera Feltrin¹

acarbonera_@hotmail.com

Eduardo Pereira Machado²

eduardo.machado@unilasalle.edu.br

Resumo: O presente artigo visa explicar acerca da obra *O apanhador no campo de centeio*, de autoria de Jerome David Salinger, com ênfase na análise do processo de construção da identidade de seu protagonista, Holden Caulfield. Levando em consideração a maneira como é estruturado o enredo da obra – narrativa em primeira pessoa baseada nas lembranças do personagem – e conceitos como *memória individual* e *memória coletiva*, busca-se analisar o impacto que as recordações exercem na formação e consolidação identitária de Holden. Para isso, faz-se necessário atentar para a interação entre indivíduo e sociedade, bem como o impacto que os vínculos sociais, as conexões humanas e as experiências de vida exercem sobre a essência ou o *eu* interior do ser humano.

Palavras-chave: Holden Caulfield; Identidade; Memória; *O apanhador no campo de centeio*.

Abstract: The present article aims to explain the work “*The catcher in the rye*” authored by Jerome David Salinger, emphasizing the analysis of the protagonist’s identity construction process, Holden Caulfield. Considering the way the work’s plot is structured – first-person narrative based on character’s memories – and concepts such as *individual* and *collective memories*, seeks to analyze the impact that memories have on the formation and consolidation of Holden’s identity. For this, it is necessary to observe the interaction between the individual and the society, as well as the impact of social ties, the human connections and life experiences exert on the essence or on the *I* of the human being.

Keywords: Holden Caulfield; Identity; Memory; *The catcher in the rye*.

1 Universidade La Salle.

2 Universidade La Salle.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das maiores sinas do ser humano é sua constante busca por identidade. Decifrar esse enigma e tomar conhecimento acerca de quem se é – ou daquilo que se quer ser – é uma tarefa complicada, por vez impossível. A capacidade que o indivíduo tem de se adaptar, transformar, modificar, acaba por impedir a estipulação e a legitimação de um *eu* definitivo e permanente, capaz de pôr fim aos anseios e dúvidas provenientes das estruturas de caráter identitário. Vive-se, portanto, em um contínuo processo de construção e desconstrução da própria essência.

Quanto mais a humanidade evolui por meio de suas experiências de vida, maiores são as indagações a respeito de sua própria existência. Preceitos morais são formulados, muitas vezes ditados pela sociedade em que se vive; princípios são constantemente consolidados, e são eles que passam a nortear nossos pensamentos, condutas e ações. Essa jornada por autoconhecimento, no entanto, é árdua, e quando as respostas não são facilmente encontradas, o indivíduo tende a desenvolver uma procura incessante e ainda maior por identificação e pertencimento. Inserido nesse universo, à deriva em um mar de incertezas e personificando as angústias do ser humano decorrentes da necessidade de posicionar-se perante a esfera social, encontra-se Holden Caulfield, protagonista da novela *O apanhador no campo de centeio*, do escritor norte-americano J. D. Salinger.

Imerso em devaneios e reflexões interiores, angustiado por não se sentir pertencente a lugar algum e relutante em deixar-se corromper por ideais que ele discorda, o jovem adolescente enfrenta uma busca constante por seu próprio *eu*. À medida que se analisa de forma criteriosa a obra-prima de Salinger e mais especificamente o personagem complexo criado por ele, torna-se relevante o seguinte questionamento: como é construída a identidade de Holden Caulfield em *O apanhador no campo de centeio*? – eixo central deste trabalho. Para compreender e solucionar essa indagação, faz-se necessário atentar para a maneira como a narrativa é estruturada, ou seja, para a utilização de relatos inteiramente baseados na *memória*.

Levando em consideração autores célebres como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Joël Candau, Erik H. Erickson, Maurice Halbwachs e Eric Hobsbawm, objetiva-se analisar como se dá a busca por identidade por parte do personagem e como essa identidade é legitimada ao longo da história, além de explorar aspectos biográficos do autor que dizem respeito à criação da obra; analisar as representações sociais presentes na narrativa de acordo com o olhar do protagonista e com base no contexto histórico e social dos Estados Unidos do século XX, mais especificamente da década de 1950; refletir acerca do processo de transição entre adolescência e vida adulta; observar os conceitos de *identidade* e *memória* dentro da obra; e refletir acerca do estado psicológico do protagonista e de sua instabilidade emocional – fatores que influenciam profundamente a estruturação de seu caráter identitário.

Para melhor compreender esse processo de construção identitária, faz-se imprescindível atentar para o resgate do passado apresentado pelo autor e pelo próprio personagem, tendo em vista que “é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade” (CANDAU, 2002, p. 16). Para tanto, conceitos como *memória coletiva* e *memória individual* tornam-se relevantes à medida que se observa a interação entre indivíduo e sociedade e as influências da coletividade sobre a individualidade. Em *O apanhador no campo de centeio*, essa capacidade de armazenar, viver e reviver experiências de vida por meio de lembranças configura-se como peça fundamental ao longo de todo o processo de consolidação identitária de seu jovem protagonista. A reflexão e a absorção das experiências vividas num tempo não tão distante são capazes de modificar seu *eu* interior e fazer da memória o fator preponderante na construção de sua identidade.

ADENTRANDO O CAMPO DE CENTEIO

No ano de 1941, Jerome David Salinger escreveu o conto *Slight Rebellion off Madison*, apresentando como protagonista um adolescente nova-iorquino chamado Holden Caulfield, que acabava de ser liberado da escola para o feriado do Natal (SLAWENSKI, 2011). Acreditando no potencial de sua história e decidido a consolidar sua carreira como escritor, Salinger submeteu-a à famosa revista *The New Yorker*, que a aceitou. Era apenas o começo de uma próspera jornada, que culminaria na publicação de um dos maiores clássicos da literatura norte-americana.

Segundo Kenneth Slawenski (2011, p. 45), autor de *Salinger: uma vida*, uma vez tendo introduzido seu escrito no universo literário, o escritor “agora iria se concentrar em histórias sobre Holden Caulfield”, pois “*Slight Rebellion* havia desencadeado uma via de criatividade que mudaria sua vida”. Meses após a conclusão do conto, porém, um fato inesperado modificaria não somente os planos de Salinger, mas a história do mundo também. Naquele mesmo ano, os Estados Unidos da América tomariam partido, oficialmente, na Segunda Guerra Mundial. Convocado a reforçar as linhas americanas, J. D. Salinger viu-se obrigado a levar consigo o sonho de dar vida a uma novela sobre o jovem Holden. Ao longo dos anos que passou em combate, o autor utilizou a escrita como um refúgio e uma forma de permanecer vivo por meio das palavras. Em meio ao desembarque do Dia D e à queda da Alemanha Nazista, diversos contos sobre a família Caulfield ganharam vida e boa parte de seu romance já havia sido escrita.

Tendo regressado a Nova York anos após o término da guerra, o escritor decidiu que era chegada a hora de concluir o que havia começado há quase dez anos. Segundo Slawenski (2011, p. 180), “a tarefa era desafiadora” e “o que Salinger tinha do seu livro era um emaranhado de contos desconjuntados, alguns deles escritos no longínquo ano de 1941”. Obstinado a terminar o que havia iniciado, trabalhou com afinco em seus escritos e em 1950 obteve a conclusão de seu livro. De acordo com *Salinger: uma vida*, “o feito foi uma catarse”; a obra “tratava-se de uma confissão, uma expiação, uma oração e uma iluminação, tudo isso revestido por uma voz tão distinta que iria alterar a cultura americana” (SLAWENSKI, 2011, p. 183) – como de fato comprovou-se no ano seguinte. Em 16 de julho de 1951, a editora *Little Brown and Company* publicou *O apanhador no campo de centeio – The Catcher in the Rye*, no original.

Assim como a conclusão da obra foi um dos momentos mais sublimes da vida de Salinger, sua publicação também o foi para seus leitores. Ambientada na Nova York do século XX, pós-Segunda Guerra Mundial, a história narra um período de aproximadamente três dias na vida de Holden Caulfield, jovem da alta sociedade nova-iorquina. Com uma narrativa em primeira pessoa e um enredo aparentemente banal, a novela de Salinger tonou-se revolucionária para seu tempo, e, segundo Slawenski (2011), permaneceu em torno de sete meses na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*, sendo considerada literatura de alto padrão pelos críticos literários da época.

Narrando os acontecimentos a partir de suas memórias, Holden faz uma retrospectiva do que viveu em sua pequena jornada pelos cantos da cidade: sua expulsão da escola elitista que frequentava; a hospedagem em um hotel barato; os bares frequentados; os encontros que teve; as pessoas com quem conversou; o esgotamento físico e psicológico que o acometeu. Essas múltiplas experiências vivenciadas ao longo da narrativa ganham significância na vida do personagem, impactando em sua maneira de pensar, em suas visões de mundo e ser humano, e em seu próprio *eu*. A forma como J. D. Salinger dirige-se aos leitores, por meio da voz de seu protagonista, tornou-se um dos principais motivos do sucesso de *O apanhador*. Valendo-se de uma linguagem coloquial e fazendo extenso uso de palavras consideradas de baixo calão –

uma afronta à moral e aos bons costumes da sociedade americana de meados do século XX –, Holden expõe diversos problemas e conflitos provenientes da adolescência, bem como as imposições que são ditadas por entidades como a família, a escola e grupos sociais em geral.

Fiel a suas convicções, o adolescente é uma fonte inesgotável de críticas. A sociedade nova-iorquina e as condutas humanas dos indivíduos que a compõem são seu alvo mais frequente. Insatisfeito com o meio no qual está inserido, critica a falsidade e a hipocrisia do ser humano; enfatiza aspectos como empatia, comiseração, injustiça, desigualdade, solidão, dor e perda; reflete acerca da sensação de não pertencimento e do fato de não se encaixar no mundo ao seu redor. Por meio de suas palavras, pensamentos e da maneira como os exprime, tornou-se uma espécie de representante para as angústias e incertezas da adolescência.

Anos após a publicação do *Apanhador*, os jovens dos Estados Unidos de repente se apropriaram do personagem Holden Caulfield como porta-voz da sua geração. Sentindo que Holden falava diretamente a eles e que Salinger, com sua luta contra a falsidade e o consumismo, expressava sua própria insatisfação com a sociedade, passaram a cultuar a obra de Salinger com devoção (SLAWENSKI, 2011, p. 284).

A verossimilhança do personagem idealizado por Salinger é tamanha que acaba por desencadear relações de identificação entre o protagonista e o público leitor. A voz de Holden, sua insatisfação, seus conflitos emocionais e a busca por seu *eu interior* tornam-se um eco dos sentimentos de quem o lê. Segundo Kenneth Slawenski (2011, p. 194), “o que os leitores encontravam dentro das capas de *O apanhador no campo de centeio* com frequência fazia mudar suas vidas” e, como consequência disso, “iria alterar o rumo da cultura americana e ajudar a definir sua psique por gerações”. Quase dez anos após o lançamento da novela, em 1960, jovens de diversos cantos do mundo – sobretudo estudantes – passaram a contestar os valores, costumes e imposições ditados pelos meios sociais em que viviam. Era o princípio da contracultura. De acordo com Eric Hobsbawm, autor de *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*, o novo movimento modificou de forma significativa a maneira como o mundo e a sociedade eram vistos.

A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. Daí a insegurança muitas vezes traumática quando velhas convenções de comportamento eram derrubadas ou perdiam sua justificação; ou a incompreensão entre os que sentiam essa perda e aqueles que eram jovens demais para ter conhecido qualquer coisa além da sociedade anômica (HOBSBAWM, 1995, p. 328).

Contestação era a palavra-chave. Os velhos hábitos passaram a ser postos em xeque e aspectos como hipocrisia, consumismo e desigualdade social eram amplamente discutidos e, conseqüentemente, condenados. “O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido” (HOBSBAWM, 1995, p. 318), e quanto mais os jovens ganhavam papel de destaque em meio aos grupos sociais, maior se tornava o distanciamento entre uma geração e outra. Para Hobsbawm (1995, p. 325), a revolução cultural e “o estilo informal foi uma forma conveniente de rejeitar os valores das gerações paternas [...], uma linguagem em que os jovens podiam buscar meios de lidar com um mundo para o qual as regras e valores dos mais velhos não mais pareciam relevantes”. Por apresentar um personagem adolescente, em plena fase de transição para a vida adulta, acometido das mesmas insatisfações, inconformismos, contestações e resignações em relação à sociedade, *O apanhador no campo de centeio* tornou-se um prenúncio à contracultura e à revolução dos costumes. A obra ganhou espaço nesse novo universo e constituiu-se como um símbolo de resistência juvenil.

O resgate de elementos atemporais como juventude, conflitos e crises psicológicas e emocionais, valores sociais e o conceito de ser humano é o responsável pela criação dessas relações de identificação entre a obra e as novas gerações. Ler *O apanhador no campo de centeio* equivale a transformar-se, modificar-se, reinventar-se, desconstruir-se – era o que pregavam os adeptos da contracultura. Salinger faz com que repensemos diversos aspectos da vida humana, da sociedade, do mundo. Em determinada altura da narrativa, Holden ouve de seu ex-professor da escola secundária a seguinte sentença: “algum dia, se você tiver alguma coisa a oferecer, alguém irá aprender alguma coisa de você” (SALINGER, 2012, p. 184). De fato, não há como sair ileso ao término da leitura. Holden ensina que é necessário ser fiel a si mesmo, preservar as essências, e que somente o amor e as puras e verdadeiras conexões humanas podem salvar o homem da miséria social a qual está condenado.

A MEMÓRIA COMO FATOR PREPONDERANTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Jerome David Salinger, por meio da voz de Holden Caulfield, inicia sua novela da seguinte forma:

Se querem mesmo saber o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lenga-lenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. [...] E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada (SALINGER, 2012, p. 7).

A declaração, desde o momento em que é proferida, se torna uma evidência de que a narrativa de *O apanhador no campo de centeio* é constituída inteiramente com base nas memórias de seu protagonista. Fazendo uma retrospectiva do que viveu em aproximadas setenta e duas horas pelos cantos de Nova York, Holden relembra episódios que o marcaram de forma significativa. Essas recordações, tão bem armazenadas pelo sistema biológico do ser humano, tornam-se o elemento primordial da obra-prima de J. D. Salinger.

De maneira simplificada, o conceito de *memória* consiste na “faculdade de reter ideias, impressões, imagens ou conhecimentos adquiridos anteriormente; consciência, lembrança”, ou ainda o “relato em que alguém conta sua própria vida ou fatos que vivenciou ou presenciou” (CEGALLA, 2008, p. 574). Em suma, essa capacidade de preservar tudo aquilo que vivemos está diretamente relacionada ao tempo passado e se torna um fator preponderante na formação identitária de todo e qualquer indivíduo. Dessa forma, veiculando a memória a seus relatos pessoais, Holden Caulfield apresenta-se ao público leitor e inicia um processo de busca por seu próprio *eu*, construindo e legitimando, aos poucos, sua identidade.

Para Joël Candau, autor de *Memória e Identidade*, a memória configura-se como o aspecto mais relevante dentro da construção do caráter identitário do ser humano.

Quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo (CANDAU, 2002, p. 76).

Assim como os escritos de J. D. Salinger refletem suas experiências de vida, resgatadas por meio da memória, os relatos de Holden Caulfield são estruturados inteiramente com base nela. Para formar o enredo da obra, o personagem recupera lembranças ocorridas no ano anterior e as reconstitui, apresentando sua história por meio do resgate do passado. Analisando-as de forma crítica e reflexiva, com um olhar posterior

aos acontecimentos, supostamente diferente daquele que tinha na época, o jovem adolescente busca se orientar no tempo presente e solucionar a incógnita que é o futuro, uma vez que “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, 2002, p. 61). Ao conduzir sua obra utilizando recordações, Salinger acaba por apresentar traços identitários de seu protagonista, uma vez que “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (CANDAU, 2002, p. 74). Preservando as experiências que teve por meio da memória, Holden exprime seus pensamentos em uma espécie de diálogo entre ele mesmo e o público leitor, na tentativa de organizar em sua mente tudo aquilo que viveu, o que aprendeu e as conclusões a que chegou ao final de sua jornada.

Ao advertir os leitores, no início do livro, de que só irá contar “esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal” (SALINGER, 2012, p. 7), o protagonista de Salinger toma como ponto de partida sua expulsão da escola secundária: “vou começar a contar do dia em que saí do Internato Pencey” (SALINGER, 2012, p. 7). Inicia-se, então, uma série de retrospectivas, alicerçadas pela memória, que não somente tem por objetivo lembrar certos fatos ocorridos, mas que também apresenta o personagem sob vários ângulos e aspectos, tornando possível, assim, acompanhar o processo de formação de sua identidade. Ao evocar lugares que fizeram parte de sua vida, como o Museu de História Natural, o Central Park, as escolas e os estabelecimentos que frequentou, bem como as pessoas que o marcaram de forma significativa, como seu falecido irmão Allie, sua irmã Phoebe, seus pais, professores de escola, garotas com quem costumava se encontrar ou ex-colegas de turma, e somá-los a suas experiências e devaneios pessoais, Holden acaba explorando duas vertentes distintas da memória: a memória individual e a memória coletiva.

Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs, autor da obra *Memória Coletiva*, o ser humano, ao longo de sua existência, é capaz de enquadrar suas lembranças e classificá-las de duas maneiras.

Admitamos, contudo, que as lembranças pudessem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Especificar a qual dos grupos pertencem as memórias de Holden e enquadrá-las em uma única forma é praticamente impossível. Por mais que o personagem narre os fatos de seu ponto de vista, baseado em experiências íntimas e extremamente particulares, não se pode desconsiderar o fato de que, ao longo de sua jornada, são criados vínculos não somente com outros indivíduos que cruzam seu caminho, mas também com os lugares que compõem o espaço da obra. A memória não se vincula, então, única e exclusivamente a um Holden Caulfield de dezesseis para dezessete anos, mas a um Holden que também é membro da sociedade americana de meados do século XX; que pertence ao clã dos Caulfield; que frequentou o Internato Pencey; que esteve em contato com colegas de quarto, garotas, professores e freiras. Essas inúmeras conexões entre o personagem e tudo aquilo que o cerca – sejam pessoas, lugares ou grupos sociais – acabam por desencadear a criação de incontáveis memórias coletivas, que, por consequência, influenciam diretamente em suas memórias individuais.

Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, o aclamado sociólogo Stuart Hall (2006, p. 11) estabelece uma relação entre ambas as classificações de memória – individual e coletiva – e o impacto que elas causam no processo de formação da identidade do ser humano: “a identidade é formada na ‘interação’

entre o eu e a sociedade”, ou seja, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. A identidade do indivíduo influenciado pelo meio em que vive funde-se à identidade pessoal, individual, tornando a essência do ser humano uma mescla daquilo que é inerente a ele e daquilo que suas relações sociais o tornam. Em *O apanhador no campo de centeio*, o maior desafio de Holden, levando em consideração a linha tênue entre memória individual e memória coletiva, é, portanto, organizar suas lembranças e unificá-las, de forma que possam auxiliar em seu processo de formação de identidade.

A tarefa, entretanto, é complexa, uma vez que múltiplas facetas identitárias são desencadeadas ao longo de sua jornada, despertando no adolescente uma série de confusões, desorientações e incertezas, que se configuram como um reflexo dessas inúmeras identidades, sempre em constante conflito dentro de si mesmo. Isso se deve ao fato de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, uma vez que “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (HALL, 2006, p. 13). Esse conflito entre diferentes *eus* é extremamente relevante na obra de J. D. Salinger, refletindo com precisão as crises identitárias por que passa o ser humano – sobretudo no período da adolescência. Para encontrar respostas para suas constantes indagações e adentrar o caminho do pertencimento e da identidade, é preciso que Holden se reconheça não somente de forma íntima, mas também coletiva.

UM EU COLETIVO: OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO SÉCULO XX

Em fins de 1941, a linha ofensiva japonesa atacou a base americana de Pearl Harbor, fazendo com que os Estados Unidos da América entrassem de forma decisiva na Segunda Guerra Mundial (CUMMINS, 2012). Em uma série de conflitos – que, ao todo, levou aproximadamente seis anos para ser concluída –, as tropas dos Aliados finalmente conseguiram vencer as forças do Eixo, derrubando a Alemanha Nazista e, em seguida, encerrando a guerra contra o Japão. De acordo com Joseph Cummins, autor de *As maiores guerras da história: os conflitos épicos que delinearão o mundo moderno*:

A Segunda Guerra Mundial, com milhões de mortos, tinha sido verdadeiramente pavorosa. O resultado imediato foi a elevação dos Estados Unidos e da União Soviética à condição de superpotências, que quase em seguida entraram em choque, na Guerra Fria, ameaçando-se mutuamente com o potencial aniquilamento nuclear (CUMMINS, 2012, p. 248).

Após o encerramento do “conflito mais letal da história humana” (CUMMINS, 2012, p. 244), os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ergueram-se frente ao mundo como as duas maiores superpotências do globo e deram início a um combate acirrado por hegemonia, utilizando como pano de fundo o capitalismo e o comunismo: a Guerra Fria. Durante esse período – que só teria fim com a desestruturação da União Soviética –, a sociedade norte-americana manteve o padrão econômico satisfatório decorrente da Segunda Guerra Mundial e usufruiu dos benefícios da chamada Era de Ouro. Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm (1995, p. 259) em *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*, a “espantosa explosão da economia” mundial configurou-se como um reflexo da “globalização da situação dos EUA pré-1945, tomando esse país como um modelo de socialidade industrial capitalista”. A reforma e a internacionalização do capitalismo – sobretudo na sociedade americana – estimularam e disseminaram o consumismo ao redor do mundo. Como consequência disso, “uma economia capitalista

mundial desenvolveu-se assim em torno dos EUA” (HOBSBAWM, 1995, p. 271), e o país tornou-se referência com seu *american way of life*.

Na década de 1950, os Estados Unidos da América gozavam de uma qualidade de vida invejável, de uma economia próspera e de uma felicidade sem precedentes – que só poderia ser alcançada por meio do consumismo desenfreado. A situação economicamente favorável do país após o término da Segunda Guerra Mundial permitiu que classes menos prestigiadas tivessem acesso a produtos e estilos de vida que antes lhes eram negados, enquanto a elite mantinha seu padrão socioeconômico elevado. Membro desse círculo social americano privilegiado, Holden Caulfield compartilha das memórias coletivas da sociedade nova-iorquina de meados do século XX. Nascido na década de 1930, o jovem adolescente não sentiu diretamente os impactos da Grande Depressão que assolou o país em 1929. Pelo contrário, seus relatos pós-guerra, situados em plena Guerra Fria, refletem as características e vantagens dos anos dourados. Assim como o próprio Jerome David Salinger, seu personagem também faz parte de uma classe social abastada, nascida e criada nos melhores e mais nobres bairros da cidade de Nova York, frequentadora do Central Park, do Radio City Music Hall e de escolas privadas de renome, consumidora assídua de lojas e restaurantes caros, com uma significativa conta bancária.

Imerso nesse universo elitista, sem tomar conhecimento acerca de outras realidades – menos satisfatórias que a dele –, Holden é uma personificação do meio em que vive. Suas roupas, materiais escolares, objetos pessoais e até mesmo sua própria aparência refletem suas condições favoráveis de jovem rico. Ao mencionar seus modos de vida, dá ênfase – mesmo que inconscientemente – à posição vantajosa em que se encontra: “no fundo, eu sou um tremendo esbanjador” (SALINGER, 2012, p. 108). Por sempre fazer parte de uma excepcional parcela da sociedade nova-iorquina – afinal, “meu pai é bastante rico” e “advogado de uma companhia” (SALINGER, 2012, p. 108) – e desconhecer fatores como pobreza e miséria, seus modos e estilos de vida são inerentes a ele mesmo, logo, justificáveis.

Ao contrário do que se esperaria de um jovem alienado da alta sociedade, porém, Holden é dotado de sentimentos de empatia e solidariedade, o que lhe permite desenvolver um elevado grau de consciência no que diz respeito ao grupo social no qual está inserido. Ao ouvir que “A vida é um jogo que se tem de disputar de acordo com as regras”, reflete: “Jogo uma ova. Bom jogo esse. Se a gente está do lado dos bacanas, aí sim – é um jogo – concordo plenamente. Mas se a gente está do outro lado, onde não tem nenhum cobrão, então que jogo é esse? Qual jogo, qual nada” (SALINGER, 2012, p. 14). Sua observação enfatiza o abismo da desigualdade e do preconceito. Não contente com os valores morais que lhe são prescritos, o protagonista de Salinger passa a contestar a vida e as condutas humanas daqueles que o cercam, condenando, sobretudo, a falsidade e a hipocrisia: “em Nova York, a gente fica sabendo que é verdade essa estória de que o dinheiro fala – é sério” (SALINGER, 2012, p. 72). Pouquíssimos são aqueles capazes de fugir de seu crivo.

De acordo com Erik H. Erikson (1976, p. 157), autor de *Identidade: juventude e crise*, “Cada sociedade e cada cultura institucionalizam uma certa moratória para a maioria de seus jovens. Na sua maior parte, essas moratórias coincidem com aprendizados e aventuras que se harmonizam com os valores da sociedade”. Aos dezessete anos – idade na qual se encontra ao lembrar os acontecimentos –, o personagem analisa, de forma criteriosa, as imposições que recebe de diversas entidades sociais: “Meu pai quer que eu vá para uma dessas universidades metidas a bem, Yale ou talvez Princeton, mas juro que não me pegam nesses lugares cretinos nem morto, no duro mesmo” (SALINGER, 2012, p. 87). Sua recusa em seguir aquilo que esperam que ele siga é compreensível, tendo em vista que as opções que lhe são oferecidas vão contra seus princípios – a propósito, muito bem delineados.

Quanto mais contato Holden tem com a sociedade à sua volta, maiores são suas convicções de que não quer, em hipótese alguma, se tornar mais um indivíduo qualquer, sem valores ou escrúpulos – em suma, ser corrompido pelo meio hipócrita em que é obrigado a viver. Durante toda sua retrospectiva – desde a saída do internato Pencey até o passeio pelo zoológico situado no Central Park –, o modo como o jovem enxerga as pessoas ao seu redor é muito claro: “Eu estava cercado de imbecis. Fora de brincadeira” (SALINGER, 2012, p. 87). O fato de ter de agir conforme convenções pré-estabelecidas socialmente o desagrada em demasia: “Esse é um troço que me deixa maluco. Estou sempre dizendo: ‘Muito prazer em conhecê-lo’ para alguém que não tenho *nenhum* prazer em conhecer” (SALINGER, 2012, p. 89). Esse modo conveniente e falso de agir o consome, uma vez que lhe obriga a desempenhar papéis inverossímeis e o impede de ser quem ele realmente deseja ser.

Para Stuart Hall, a identidade de uma nação, suas culturas, histórias e tradições, influenciam o indivíduo nativo de forma significativa.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 51).

No caso de *O apanhador no campo de centeio*, a cultura americana de meados do século XX ainda sofria os impactos da história mundial. A lembrança da bomba atômica que foi lançada sobre Hiroshima e Nagasaki e a tensão da constante ameaça de aniquilamento nuclear entre Estados Unidos e União Soviética refletiam sobre a população e são enfatizadas por Holden: “Se houver outra guerra, vou me sentar bem em cima da droga da bomba. E vou me apresentar como voluntário para fazer isso, juro por Deus que vou” (SALINGER, 2012, p. 138). Esse pensamento radical critica os anos sombrios de guerra, que impactaram a população, e pode ser caracterizado como uma possível alternativa que o personagem desenvolve para não ser forçado a viver em uma sociedade alienada pelo *american dream* e pelas ilusões do consumismo. Mas se por um lado o protagonista de Salinger tem dificuldades em identificar com precisão aquilo que gostaria de ser, ao menos sabe perfeitamente aquilo que *não* quer ser.

Sempre levando em consideração seus conhecimentos de mundo e o meio no qual está inserido, Holden reforça e enfatiza a crítica às relações superficiais entre as pessoas – extremamente presente nos círculos sociais elitistas da Nova York dos anos 1950. Ao afirmar que “dinheiro é uma droga”, pois “acaba sempre fazendo a gente se sentir triste pra burro” (SALINGER, 2012, p. 113), condena os vínculos que o ser humano estabelece por interesse – estruturados com base na falsidade, aspecto que ele tanto insiste em execrar – e que vão contra seus princípios. A elucidação do ambiente em que vive e as alienações do povo nova-iorquino são constantes:

A maioria das pessoas são todas malucas por carros. Ficam preocupadas com um arranhãozinho neles, e estão sempre falando de quantos quilômetros fazem com um litro de gasolina e, mal acabam de comprar um carro novo, já estão pensando em trocar por outro mais novo ainda. Eu não gosto nem de carros *velhos*. Quer dizer, nem me interessa por eles. Eu preferia ter uma droga dum cavalo. Pelo menos o cavalo é *humano*, poxa (SALINGER, 2012, p. 129).

De acordo com suas críticas, torna-se claro que, para os círculos sociais da época, viver era sinônimo de consumir. Ao classificar um cavalo como *humano*, acentua a diferenciação existente entre ele mesmo e as demais pessoas que o cercam, enfatizando sua aversão à superficialidade e ressaltando a necessidade de valorizar as essências. A forma como o intelectual Zygmunt Bauman (2008, p. 22) define os ideais consumistas

exemplifica perfeitamente a posição em que Holden se encontra: “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”. O fato é que, ao contrário do que a maioria dos indivíduos que habitam esse universo quer, o jovem adolescente se recusa a colocar a si mesmo à venda e, conseqüentemente, fazer parte de uma comunidade que ele considera falsa.

Em sua obra *Identidade*, Bauman (2005, p. 19) afirma que “estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora”. O fato de Holden não se sentir pertencente ao mundo que o cerca e não concordar com os valores e condutas impostos por ele se torna uma espécie de calvário em sua vida. Na desesperadora tentativa de encontrar uma luz em seu caminho, recorre a lembranças de pessoas e lugares que lhe são caros, que são capazes de lhe transmitir uma sensação segura de pertencimento.

Cada vez que eu chegava ao fim de um quarteirão e descia o meio-fio, tinha a sensação de que nunca chegaria ao outro lado da rua. Pensava que ia caindo, caindo, caindo, e nunca mais ninguém ia me ver. Puxa, fiquei apavorado pra burro. Ninguém imagina o medão que me deu. [...] Aí comecei a fazer outro troço: cada vez que chegava ao fim do quarteirão, fazia de conta que estava falando com o meu irmão Allie. Dizia pra ele: “Allie, não me deixa desaparecer. Allie, não me deixa desaparecer. Por favor, Allie”. Aí então, quando chegava do outro lado da rua sem desaparecer, eu *agradecia* a ele (SALINGER, 2012, p. 191).

Essa impressão de estar desaparecendo nada mais é que uma consequência da ausência de pertença e da confusão identitária em que se encontra o personagem. Saturado do meio em que vive, angustiado por não se identificar com os indivíduos que o compõem, sobrecarregado com as exigências e imposições sociais, inconformado com a hipocrisia humana e sofrendo com as crises provenientes do período da adolescência, Holden não se encaixa em lugar algum, tampouco enxerga boas perspectivas quanto ao futuro, que o amedronta: “É exatamente esse o meu problema. Não encontro praticamente nada em nada. Estou mal de vida. Estou péssimo” (SALINGER, 2012, p. 129). Uma de suas indagações mais constantes, presente ao longo de toda a narrativa de seus relatos, é a localização dos patos – durante a época de inverno – que habitam o lago do Central Park. Ao recordar o local, ele diz:

Imaginava se ele estaria gelado quando eu voltasse para casa e, se estivesse, para onde teriam ido os patos quando o lago ficava todo gelado, se alguém ia lá com um caminhão e os levava para um jardim zoológico ou coisa que o valha, ou se eles simplesmente iam embora voando (SALINGER, 2012, p. 18).

A reflexão de Holden é carregada de sentido. Seu interesse pelo rumo que os pequenos animais tomam durante a estação mais fria do ano – e mais complicada e sombria, por diversos aspectos – remete, mesmo que de forma metafórica, à sua própria situação. A fase de transição em que se encontra – da adolescência para a vida adulta – é tão assustadora quanto o frio que congela as águas do lago. Assim como os patos, ele deve optar entre duas alternativas decisivas, capazes de modificar todo seu futuro: ou funde-se à sociedade americana de forma passiva e torna-se um igual, ou alça seu próprio voo.

A INFLUÊNCIA DA COLETIVIDADE EM UM *EU* INDIVIDUAL

Ao iniciar os relatos de sua jornada, Holden Caulfield apresenta-se ao público leitor de forma individual e solitária: “Lembro-me que eram umas três horas da tarde, e eu, em pé, lá em cima do morro, bem ao lado de um canhão maluco da Guerra da Independência” (SALINGER, 2012, p. 8). O fato de estar isolado dos demais membros da escola – que participavam de um importante campeonato estudantil – configura-

se como um reflexo do caráter individualista do personagem. Assistindo à multidão de cima do morro, Holden enfatiza sua reclusão e a necessidade de manter-se fora de determinados círculos sociais. Sua saída do internato Pencey torna-se, então, o ponto de partida para uma viagem em busca de pertencimento.

Em *Identidade: juventude e crise*, Erik H. Erikson reflete acerca da confusão que acomete o adolescente frente às incertezas do futuro e à sensação de não se encaixar em lugar algum.

Jovem após jovem, embaraçado pela incapacidade de assumir um papel que lhe é imposto pela inexorável padronização da adolescência americana, deserta de uma forma ou outra, abandonando a escola, largando empregos, passando a noite fora de casa ou retraindo-se em estados de espírito bizarros e inacessíveis (ERIKSON, 1976, p. 132).

Carregando consigo apenas seus pertences e seu chapéu de caça vermelho – objeto repleto de valor identitário –, Holden desfaz seus vínculos com a escola e confronta seus medos, angústias e incertezas em uma caminhada solitária e introspectiva. De volta a Nova York, o personagem tem contato com diversas pessoas, em momentos específicos, o que lhe possibilita desenvolver uma série de experiências que o marcam de forma significativa. À medida que essas interações sociais se interrompem e Holden se depara com sua própria companhia, porém, o sentimento de solidão o consome. Não são raras as vezes em que, ao longo da narrativa, o protagonista de Salinger enfatiza essa situação: “Estava me sentindo tremendamente só” (SALINGER, 2012, p. 52). Estar sozinho, afastado de casa e impossibilitado de manter contato com a família só faz aumentar a sensação de melancolia.

A cidade torna-se outro agravante, uma vez que não lhe traz a segurança tão desejada: “Nova York é terrível quando alguém ri de noite na rua; pode-se ouvir a gargalhada a quilômetros de distância. É o tipo do troço que faz a gente se sentir só e deprimido” (SALINGER, 2012, p. 83). Esse desconforto que Holden sente ao evocar o local em que se encontra é um tanto quanto irônico, tendo em vista que mesmo a famosa *Big Apple* sendo um enorme centro urbano, repleto de pessoas por toda parte, não é capaz de aplacar sua solidão.

Sozinho pelas ruas nova-iorquinas, sem saber lidar ao certo com o que se passa consigo mesmo e amedrontado quanto ao futuro incerto e à iminência da vida adulta, Holden trava inúmeros diálogos internos, reflexões acerca do mundo e da sociedade, que deixam em evidência sua total falta de preparo emocional e psicológico para o que está por vir e a confusão identitária em que se encontra. Esses elementos presentes em *O apanhador* podem ser compreendidos por meio dos estudos de Stuart Hall, que enfatizam a impossibilidade de uma identidade única e coesa e refletem acerca das constantes mudanças por que passa o ser humano.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Acometido de um turbilhão de sentimentos que o impedem de enxergar sua própria vida com clareza, de estabelecer critérios de identificação e de tomar atitudes concretas, o personagem reluta em aceitar aquilo que seu meio lhe oferece. Para tanto, passa a estabelecer realidades alternativas capazes de fazê-lo escapar da situação em que se encontra e consolidar um mundo totalmente seu, ainda que fantasioso. As alternativas elaboradas por Holden são as mais variadas: tornar-se monge, fingir-se de surdo-mudo, trabalhar em um posto de gasolina. Entretanto, a mais relevante de todas vem à tona no momento em que se baseia no poema intitulado *Comin thro' the rye*, de autoria de Robert Burns:

Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e *agarrar* o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer (SALINGER, 2012, p. 168).

A idealização de Holden de tornar-se o apanhador no campo de centeio é de extrema relevância dentro da obra. Por não se sentir pertencente à sociedade em que está inserido, por não se conformar com seus valores e condutas, e pelo medo que sente de trair seus próprios princípios, o personagem, de forma empática, deseja salvar aqueles que ainda se encontram no período da infância do mundo falso dos adultos – mundo esse que ele mesmo não tem a oportunidade de escapar. De acordo com Zygmunt Bauman (2005, p. 35), “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo”. A elaboração dessas realidades imaginárias consiste numa tentativa de o jovem adolescente encontrar seu próprio *eu* e firmar, assim, pelo menos um alicerce para sua identidade, capaz de colocar um fim na sensação de insegurança que o acomete.

Ao condenar os círculos sociais que o cercam e o comportamento falso e hipócrita da elite nova-iorquina, Holden se coloca em uma espécie de pano de fundo, às margens da sociedade, convertendo-se em um indivíduo solitário e isolado. A contradição dessa atitude, entretanto, é de suma importância no processo de construção de seu caráter identitário. Por mais que insista em execrar o meio em que está inserido e as pessoas que o constituem, o personagem clama por companhia. Sozinho pelos cantos da cidade, convida um ex-companheiro de escola para conversar, uma garota para sair, mulheres para dançar, um taxista para tomar um drinque, sem contar as inúmeras tentativas de estabelecer contato com uma amiga que lhe é extremamente cara. Mas é a atitude impulsiva – e de certa forma desesperadora – de visitar sua irmã que se torna de suma importância.

O regresso ao lar, mesmo que de forma passageira, revela muito sobre Holden. Durante a breve visita, o que mais lhe preocupa é o fato de ser descoberto pelos pais. No momento da partida, porém, ele reflete: “Não sei por que, mas foi muito mais fácil sair de casa do que entrar. Uma das razões é que eu já estava pouco ligando de ser apanhado ou não. No duro, mesmo. Se pegassem, pegavam e pronto. De certa maneira, quase desejei que me apanhassem” (SALINGER, 2012, p. 175). Por mais difícil que seja ter de anunciar aos pais sua própria expulsão, o desconforto de se sentir sozinho, entregue à própria sorte, é muito maior. O desejo de ser apanhado em casa pela família deixa claro a necessidade de consolo e segurança, de sentir-se amado e protegido, de amenizar por um tempo a angústia que tanto o faz sofrer.

Impossibilitado de tornar o encontro real, tem de conformar-se com a companhia de ruas, estabelecimentos, estações de trem, museu e parque da cidade. O abismo a que está destinado – a vida adulta – o consome por inteiro. A relutância em aceitar esse processo de transição só faz aumentar ainda mais seu sofrimento e aguçar a sensação de não pertencimento: “Há coisas que deviam ficar do jeito que estão. A gente devia poder enfiá-las num daqueles mostruários enormes de vidro e deixá-las em paz. Sei que isso não é possível, mas é uma pena que não seja” (SALINGER, 2012, p. 121). Mesmo inconformado por ter de tornar-se adulto e ser obrigado a assumir um papel perante a sociedade, ao recordar o Museu de História Natural, reflete a incapacidade da humanidade de ser imutável, de permanecer, para sempre, aquilo que se é quando criança, e a influência inegável do meio e das relações humanas nesse contínuo processo de construção e desconstrução identitária.

Mas a melhor coisa do museu é que nada lá parecia mudar de posição. Ninguém se mexia. [...] Ninguém seria diferente. A única coisa diferente seríamos *nós*. Não que a gente tivesse envelhecido nem nada. Não era bem isso. A gente estaria diferente, só isso. Podia estar metido num sobretudo, dessa vez. Ou o outro garoto, companheiro de fila da visita anterior, não tinha vindo porque estava com caxumba e a gente teria outro companheiro. Ou então a substituta de Miss Aigletinger é que estaria levando a turma. Ou então a gente tinha ouvido o pai e a mãe da gente terem a maior briga no banheiro. Ou então a gente tinha acabado de passar por uma poça d'água com um arco-íris de gasolina dentro dela. Quer dizer, a gente estaria diferente, de um jeito qualquer – não sei explicar direito, mas o negócio é assim mesmo. E, mesmo que eu soubesse, acho que não ia ter muita vontade de explicar (SALINGER, 2012, p. 121).

O conflito entre inúmeras identidades possíveis o aflige. Sem saber lidar com o pânico e o desespero, Holden opta por cortar os vínculos que o mantêm unido à sociedade falsa e hipócrita em que está inserido: “Finalmente, decidi ir embora de vez. Resolvi que não voltaria para casa nunca mais, e nunca mais iria para colégio nenhum” (SALINGER, 2012, p. 191). Fugir de uma realidade iminente, que o apavora, é uma tentativa de crescer longe de tudo aquilo que o faria se corromper, de manter intactos seus princípios e o resquício de inocência infantil que ainda lhe resta. Quando está convicto de que “Não se pode nunca achar um lugar quieto e gostoso, porque não existe nenhum” (SALINGER, 2012, p. 197), e decidido a se afastar dos círculos sociais que o cercam – tornando-se, assim, um indivíduo isolado –, porém, Holden, em uma espécie de epifania, acaba por resignar-se frente a seu destino e percebe que é possível adentrar a vida adulta sem perder a pureza e a inocência da infância.

Ao término de seu relato, o personagem afirma: “Tenho pena de ter contado o negócio a tanta gente. Só sei que sinto uma espécie de *saudade* de todo mundo que entra na estória” (SALINGER, 2012, p. 205). O tom saudoso que utiliza para referir-se às pessoas com quem conviveu enfatiza o impacto e a influência que as experiências coletivas têm sobre seu próprio *eu*. Para Holden, “A gente nunca devia contar nada a ninguém. Mal acaba de contar, a gente começa a sentir saudade de todo mundo” (SALINGER, 2012, p. 205). Essa saudade que o invade nada mais é do que um reflexo das conexões humanas que trava ao longo da narrativa. De acordo com Maurice Halbwachs (2006, p. 30), “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. A partir do momento em que reconhece o valor e a contribuição de cada pessoa que cruzou seu caminho e ajudou a construir sua história, Holden desconstrói sua visão de indivíduo solitário e autossuficiente, e se conforma com o fato de que, para crescer, é necessário estar aberto a novos pontos de vista. Afinal, “[...] não percebemos que somos apenas um eco” (HALBWACHS, 2006, p. 64), um reflexo das experiências que vivemos e das conexões humanas que desenvolvemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento de sua publicação até os dias atuais, *O apanhador no campo de centeio* é visto como um símbolo de afirmação do indivíduo jovem. A apresentação de um adolescente confuso, inconformado com a sociedade e suas convenções, em conflitos consigo mesmo desencadeou inúmeros processos de identificação por parte do público leitor. Esses fatores, somados à aparente rebeldia de Holden, mesmo que passiva, corroboraram para o surgimento de movimentos contestadores como a *contracultura*. Por mais significativas que sejam, essas consequências não se configuram como o ideal motivador para a construção do romance. Pelo contrário, as reflexões de Jerome David Salinger, representadas por seu protagonista, são mais profundas e complexas, e dizem respeito, sobretudo, à vida e ao ser humano.

Ao exaltar a juventude como fase significativa de vida por meio de Holden Caulfield, Salinger não somente deu voz à famigerada adolescência, mas também enfatizou um dos conceitos mais relevantes durante essa etapa de vida, a identidade. A construção do caráter identitário do personagem – ou melhor, suas múltiplas facetas – é feita com base na maneira como o autor conduz sua narrativa, ou seja, nos relatos, lembranças e memórias de um adolescente. O resgate de um passado nem tão longínquo permite ao protagonista fazer uma retrospectiva das experiências que teve, organizá-las, revivê-las. Esse recordar o leva a uma profunda reflexão acerca de si mesmo, de sua essência, daquilo que é e daquilo que não quer ser, e a uma jornada em busca de entendimento e autoconhecimento – que enfatiza seu caráter solitário e individualista. Pensar, entretanto, que as memórias individuais de Holden – muito presentes em suas constantes divagações – o definem por completo é um equívoco. São suas memórias coletivas, aquelas compartilhadas com os inúmeros indivíduos com que teve contato, com a sociedade ao seu redor, com a própria cidade de Nova York, que influenciam a formação de seu *eu* e interferem diretamente em suas lembranças singulares.

As críticas que dirige à sociedade, seu inconformismo perante o meio em que está inserido e suas tentativas de isolamento não impedem que o personagem de Salinger viva em constante busca por companhia. Suas recordações são quase que majoritariamente associadas a algo ou alguém. Por mais que elabore realidades alternativas nas quais a solidão predomine, nunca está só. Não quer estar só. As experiências obtidas ao longo de aproximadamente três dias pelos cantos da cidade são sempre associadas ou estão conectadas, de alguma forma, ao coletivo, seja retomando o contexto histórico da sociedade americana de meados do século XX, dividindo vivências com estranhos e conhecidos ou compartilhando sua história com o público leitor. Essas interações sociais, juntamente com os vínculos que dela se originam, quando resgatadas por meio da memória, acabam auxiliando o personagem em sua caminhada rumo à identidade, mesmo sendo ela tão mutável, tão inconstante, tão heterogênea.

Com o poder de uma narrativa tão dicotômica – simples e complexa ao mesmo tempo –, J. D. Salinger presenteou o mundo com uma obra-prima literária e um personagem tão vivo que chega, por vezes, a ser palpável. *O apanhador no campo de centeio* e Holden Caulfield refletem acerca da condição humana e das obscuridades da vida; do pertencimento ou da falta dele; da busca por um lugar no mundo; da necessidade de nos mantermos fiéis a nossos princípios, desde que sejam bons, puros ou corretos – mesmo sendo esses conceitos tão relativos; da preservação da inocência e da verdade. Em suas pouco mais de duzentas páginas, Salinger deixa um legado identitário à humanidade: por mais que tentemos ao máximo nos tornar única e exclusivamente individuais, jamais deixaremos de ser coletivos. Somos um reflexo de nossas experiências, interações e conexões humanas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUMMINS, Joseph. **As maiores guerras da história**: os conflitos épicos que delinearão o mundo moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

ERICKSON, Erik. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Biblioteca Vértice, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. 18. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora do Autor, 2012.

SLAWENSKI, Kenneth. **Salinger: uma vida**. São Paulo: Leya, 2011.